

MANUEL JOAQUIM MOREIRA DA ROCHA

CONCEITO DE PATRIMÓNIO
NUM AUTOR DO SÉCULO XVIII

MANUEL JOAQUIM MOREIRA DA ROCHA

CONCEITO DE PATRIMÓNIO NUM AUTOR
DO SÉCULO XVIII *

*Le monument est une défense contre le traumatisme de
l'existence, un dispositif de sécurité.*

Françoise Choay

*Património é qualidade e memória. Sem qualidade, intrín-
seca ou circunstancial, não haverá fundamento para que
um testemunho-memória tenha de ser conservado.*

C. A. FERREIRA DE ALMEIDA

I. Introdução

No sentido de ensaiar aquilo a que hoje chamamos teoria de património subjacente no *Diario Bracarense das Epocas, Fastos e Armas mais Remarcaveis e Successos Dignos de Mençam que Succedem em Braga, Lisboa e mais partes de Portugal e Cortes da Europa*, manuscrito elaborado por Manoel Joze da Silva Thadim, Presbytero Secular, Advogado nos Auditorios da Cidade de Braga e natural da mesma, na segunda metade do século XVIII, efectuou-se um duplo percurso. Pesquisou-se na obra elementos que nos proporcionassem entender a sua visão sobre os restos materiais do passado. Destes apenas alguns foram consagrados pelo autor como monumentos com valor histórico ou memória. Por esta via o autor

(*) Trabalho apresentado no seminário sobre Património, no Curso de Mestrado de História de Arte da Faculdade de Letras do Porto, sob orientação do Prof. Doutor Carlos Alberto Ferreira de Almeida.

apresentou-nos, explicitamente, o seu conceito sobre património. Por outro lado, manuseamos o livro manuscrito — que elegemos à categoria de monumento, segundo a teoria de património desenvolvida por Françoise Choay — tendo como objectivo inventariar as referências patrimoniais apontadas por Tadim, às quais não reconhece função memorativa. Cuidado particular dispensamos ao património construído, até porque é este o sector das artes mais utilizado pelo autor para completar o elogio dos Arcebispos de Braga. Da selecção que nos oferece esclarece a sua formação erudita e o conceito patrimonial do século XVIII. Da relação das duas partes a teoria de património em Manuel José da Silva Tadim.

2. Análise da Obra

A obra escrita de Silva Tadim é por si só um monumento, uma herança do património material e cultural ⁽¹⁾ Em primeiro lugar devemos atentar nas coordenadas que presidiram à elaboração desse testemunho do passado, cuja função primordial é reconhecida pelo autor como memória: “com effeito acontecem frequentemente algumas particularidades apreciáveis que apenas ellas passam logo se riscam da memoria dos homens, e em pouco tempo todos se esquecem e so por causalidade se acha alguma pessoa que dê razam individual dos sucessos publicos, que apenas tem hum lustro da antiguidade” ⁽²⁾. A memória humana é fugaz. O autor pretende fazer, através da escrita, a rememoração da sociedade. Todo o monumento produzido intencionalmente traduz coordenadas vivenciais da comunidade que lhe deu corpo e, paralelamente, uma manipulação visual desse mundo na óptica do seu executor ou encomendante. Com esta memória do passado, Silva Tadim transporta-nos até ao mundo do poder, daqueles que mais meios dispõem para fazer monumentos. É clara a sua orientação acerca dos acontecimentos que seleccionou: “os heroicos factos dos Príncipes de Portugal e estranhos, dos Prelados desta Mitra tam respeitáveis pelo sangue

1 Segundo o estudo clássico sobre teoria de património de Alois Riegl por monumento entende-se “una obra realizada por la mano humana y creada con el fin específico de mantener hazanas o destinos individuales (o un conjunto de éstos) siempre vivos y presentes en la conciencia de las generaciones venideras. Puede tratar-se de un monumento artístico o escrito...”. RIEGL, Alois - *El Culto Moderno a los monumentos*, Madrid, Visor, 1987, p. 23

2 THADIM, Manoel Joze da Silva - *Diario Bracarense das Epocas, Fastos e Annaes mais Remarcaveis e Successos dignos de Mençam que Succederam em Braga, Lisboa, e mais partes de Portugal e Cortes da Europa*, Manuscrito do Arquivo Distrital de Braga., fl. I.

como pelas virtudes”, a que acrescenta ainda o relato dos feitos das “vidas dos varões illustres em Santidade, Letras e Armas” (3).

A revalorização que a História acusou no século XVIII, nomeadamente com a criação da Academia Real da História, em 1720, por D. João V, levando-a ao expurgar de tudo o que revelasse um carácter apócrifo, é reconhecida pelo autor, e incita-o a um maior empenho na procura da autenticidade: “ja hoje, por felicidade nossa vivemos em hum seccullo illuminado, já se nam estuda se nam por livros expurgados de todas as fabulosas narrações, que a ignorancia dos sécullos passados introduzio nelles” (4). Na procura da veracidade seguiu o exemplo dos pensadores da Antiguidade Clássica, nomeadamente Platão que será o seu paradigma na senda do racionalismo. Esta devoção ao período clássico vai ser ainda clarificada quando Silva Tadim nos revela, subjectivamente, o seu próprio conceito de património, como veremos.

O século XVIII é também uma época em que despontam os nacionalismos e os patriotismos em toda a Europa. Incluído neste sistema o autor do Diário Bracarense esclarece que é “o amor da patria” que o impele a escrever as Memórias. Será o seu espírito patriótico a justificação para a empresa a que lançou mãos de produzir *memórias*, de legar património.

O itinerário seguinte é analisar o elenco das memórias utilizadas pelo autor para fazer o elogio dos ilustres de Braga. O tempo que absorve o discurso de Silva Tadim medeia entre o início do século XVI e os anos oitenta de setecentos.

O rigor que pretende incutir às suas análises levam-no a deixar de lado todas as narrativas que não encontrem apoio material em dados escritos – impressos e manuscritos –, salvo os acontecimentos que ele próprio viveu de perto. Ainda neste sector, socorre-se, com muita frequência, do contributo da nova ciência que então apaixonava os antiquários coevos por toda a Europa: a Epigrafia. Os epitáfios tumulares servem-lhe como referências credíveis para ilustrar o perfil dos homens que são tidos como coordenadas históricas do passado de Braga, nomeadamente os arcebispos primitivos.

Olhemos agora o livro no sentido de prescutar as alusões explícitas ao património construído. Um duplo enfoque se oferece. Braga viveu um conjunto de manifestações que serviram para lembrar aos coevos qual o grupo social com capacidade para produzir monumentos. Festas de vida e de morte, sagradas e profanas, foram pretexto para exibição de poder através de construções efémeras. Se deste capítulo materialmente nada

3 Idem - *ibidem*, fl. II.

4 Idem - *ibidem*, fl. III.

restou depois de satisfeito o evento comemorativo, nem por isso deixa de merecer a sua inclusão neste percurso que estamos a efectuar, pois olhamos património em sentido lato e como tal herança cultural; e porque Silva Tadim reteve deste elenco um sem número de descrições reveladoras do seu carácter, isto é, estas manifestações serviam-se, frequentemente, de elementos iconográficos extraídos da mitologia clássica. Neste sector a memória é prenhe de informação.

Mais alargado é o leque de obras de arquitectura realçadas pelo autor. É elucidativa a apreciação patrimonial que faz da Província de Entre Douro e Minho: a região possui “cento e trinta conventos e vinte e cinco mil fontes, duzentas pontes de pedra e seis portos de mar” (5). A quantificação é o único elemento que fornece. Em toda a obra, sempre que enumera construções, que poderiam hoje ter valor artístico, sendo certo o seu valor patrimonial, fá-lo sem emitir qualquer juízo de valor. Neste aspecto o seu trabalho revelou-se extremamente árido para a extracção da teoria de património. Ainda no domínio arquitectónico vai destacar várias construções que se enquadram na seguinte tipologia, por ordem de preferência:

- 1) Edifícios religiosos - lançamentos de 1ª pedras em igreja e capelas, remodelações de igrejas, alargamento e fundação de conventos;
- 2) Obras públicas — ruas e pontes: abertura, ladrilhamento e construção; chafarizes;
- 3) Construções de carácter simbólico — padrões;
- 4) Casas de habitação — Palácios dos Arcebispos e casa do Raio;
- 5) Edifícios públicos — Casa da Câmara;

As construções referidas, mandadas fazer, quase exclusivamente, pelos arcebispos de Braga, estão ao serviço do vector religioso da sociedade. Salvo as obras públicas, todos os restantes pontos se encaixam neste predicado. Mais uma vez Silva Tadim se apresenta como homem ao serviço da ideologia do poder. Salienta-os não pelo seu valor artístico, mas pelo seu carácter funcional, como reconhecimento de dádivas que os arcebispos fazem à população bracarense.

São os monumentos construídos os que englobam a escolha do autor. Selecções de pintura e escultura são praticamente omissas. Num ou noutro caso fala da arte da talha e da pintura, mas sempre com carácter subsidiário da arquitectura. Neste espaço cronológico dois homens se destacam pela sua intervenção no património construído: D. Diogo de Sousa, no século XVI, e D. Rodrigo de Moura Teles, para o século XVIII. Curiosamente são também estas duas figuras as que mostraram maior interesse na

5 Idem - *ibidem*, fl. 611.

conservação dos vestígios do mundo romano existentes na cidade de Braga. Da intervenção de D. Diogo de Sousa esclarece: “Neste rexo diante da Porta do Souto fez de novo a ermida de S. Anna com sua capella e escada ladrilhada de quantaria e olivelada na forma em que agora está e pos derrodoz della certas colunas escriptas do tempo dos Romanos que se acharam nesta cidade e fora dela e outras tabuas de pedra tambem do tempo dos Romanos as quaes encaixaram na mesma parede da ermida” (6).

As colunas e as epígrafes destes testemunhos do passado romano foram restauradas por Moura Teles: “Mandou reedificar com letras e inscripçoens que já quasi se nam liam as colunas dos Imperadores Romanos antigos e dos Illustrissimos Prelados, e pos huma de novo no lado da capella de S. Anna no mesmo Campo que estavam arruinadas e cahidas a custo de sessenta mil reis” (7). Em acrescento posterior volta ainda a falar destes monumentos: “As colunas dos Imperadores que estavam junto à capela de S. Anna no mesmo Campo, quando se demolio esta capella, que estava defronte da Igreja da Congregaçam foram transportadas no anno de 1769, por Decreto do senhor D. Gaspar, para o Campo de S. Sebastiam” (8). A manutenção deste tipo de testemunhos foi, como vimos, devidamente noticiada por Silva Tadm; essa postura é reveladora do subido interesse da época pelas antiguidades romanas. Em nenhum outro caso de demolição referido no texto houve preocupação de salvaguarda de testemunhos. A simples necessidade funcional justificava a destruição. Um exemplo é esclarecedor: no meio da capela dos Reis, na Sé, existia um túmulo; em 1663 foi demolido “por embaraçar a capela para suas funções, seos Irmaos alcançaram faculdade do Reverendo Cabido Sede Vacante para demolirem o tumulo” (9).

Para a cultura erudita portuguesa os testemunhos da época romana tinham alcançado já o valor de monumento. Em contrapartida, as alusões materiais ao passado medieval são completamente silenciadas por Tadm. Esta veneração à Antiguidade, e às antiguidades, é clara na rubrica que lhe consagra na sua obra: “Pedras e Thesouros Romanos que se descobriram nas vizinhanças de Braga no Pontificado do Serenissimo Senhor D. Joze, Arcebispo Primaz” (10). Vejamos o que acusa: “Em as visinhanças de Braga na freguesia de S. Thome de Prozello se descobriu hua pedra antiga, que mostrava ser do tẽpo dos romanos com huma inscripçam (...). No anno

6 Idem - *ibidem*, fl. 270.

7 Idem - *ibidem*, fl. 331.

8 Idem - *ibidem*, fl. 331.

9 Idem - *ibidem*, fl. 287.

10 Idem - *ibidem*, fl. 406.

de 1744 perto de Braga se descobriram quantidade de medalhas antigas todas de ouro, e cada huma do tamanho de hum tostam portuguez com o pezo de duas oitavas, que tocam a 24 quilates. Sam de diferentes imperadores(...). Tambem junto ao convento dos Religiozos Capuchos de S. Fructuozo desta cidade appareceo huma boa quantidade de moedas romanas de cobre do tamanho de meynos tostoens com a esfigie do Imperador Constantino Magno.

Em a Cividade junto ao Mosteiro das religiozas da Conceiçam se descobrio hum perciozo thesouro de peças maravilhozas de prata entre as quaes havia quatro estatuas de finissima prata de seis palmos de altura, huma de mulher e duas de centauros e outra de hum fauno. Tambem no mesmo sitio appareceram cascos felenos de prata grossos e lavrados com suas folhagens de finissimo buzil. Appareceram mais trinta e tantas laminas de prata do tamanho de hum quarto de papel em que estavam debuxados caçadores fazendo montarias. Dizem que pezava tudo 240 marcos" (11).

Colunas e pedras com inscrições, medalhas de imperadores, moedas, esculturas de prata e lâminas de prata com relevos narrativos, são antiguidades do mundo romano acusadas por Silva Tadm. Elementos que abarcam as áreas da epigrafia, da numismática, da escultura e do relevo possuíam valor de monumento na filosofia do autor, conferido pela ancestralidade a que remontavam e pela cultura que representavam. A partir do Renascimento todos os testemunhos, materiais ou culturais, do mundo greco-latino alimentam os interesses dos eruditos.

Neste mesmo espaço acusa a descoberta de um tesouro, "enterrado de baixo de hum penedo huma panella já quebrada na qual havia 360 moedas de prata de dous cunhos diferentes do Senhor Rey D. João I" (12). Embora em nenhuma parte do seu Diário contemple testemunhos da época medieval, aqui as moedas medievais são referidas ao lado dos monumentos romanos. Como explicar? Desde o século XVI que o coleccionismo ocupava os interesses das elites culturais, ocasionando o nascimento de ciências novas como a Epigrafia e Numismática, entre outras. De resto o racionalismo metodológico exigido para a sistematização dessas peças é resultado do pragmatismo científico que caracteriza o século das Luzes. As moedas, de todas as épocas, servem para engrossar as coleções desses amantes do passado.

Descorrente desta nova postura do homem do século XVII-XVIII frente ao universo que o rodeia, multiplicam-se os estudos sobre o

11 Idem - *ibidem*, fls. 406-407.

12 Idem - *ibidem*. fl. 406.

conhecimento da Natureza, tanto no seu aspecto físico, como dos seus fenómenos e das leis que os regem. A Geografia e as Ciências da Natureza são duas áreas de reflexão aturada, não sendo de estranhar o desenvolvimento das correntes Deístas. O Padre Manuel José da Silva Tadim mostra um interesse particular em registar nas suas Memórias diversos terremotos e períodos de chuvas contínuas que provocaram inundações, paralelamente com alterações climatéricas que alteraram o ciclo natural. A ambos os acontecimentos reconhece a capacidade de destruir o património. O relato que faz do terremoto de 1 de Novembro de 1755 é elucidativo:

“A cidade, a grande cidade de Lisboa, que pouco antes era o theatro mais florescente, a republica mais luzida, e a corte mais pompoza em breve espaço se vio reduzida a hum montam de pedras: os bens do Principe, da Igreja, e do Estado soffreram todos a mesma sorte, e a terra recebeo de novo no seo seyo os metaes que a avareza dos homens tinha arrancado das suas entranhas” (13). E mais uma vez a devoção à Antiguidade: “Porem de tudo o mais raro que se perdeu foi a grande livraria de S. Magestade rara pelos manuscriptos e originaes da Antiguidade que conservava” (14). Mais que toda a destruição material que arrasou monumentos de épocas e estilos diversos, deixando Lisboa em escombros, a perda maior foram os manuscritos da Antiguidade. É claro o valor que Silva Tadim consagra aos testemunhos construídos a partir da época medieval.

Se num aspecto Silva Tadim nos transmite aquilo que mais o impressionou na destruição de património causada pelas forças da natureza, revelando, indirectamente, o seu conceito de património, por outro, faculta-nos uma postura inegável de admiração pelo mundo clássico. Relativamente a monumentos levantados no espaço citadino de Braga, cuja função reconhecida é histórica ou comemorativa — de que são exemplo os padrões, cruzeiros e pelourinhos —, para além do autor destacar a sua construção, fornece ainda outros elementos que nos permitem reconhecer-lhes o valor de monumento que a sociedade bracarense lhes atribui. Apesar de com a sua localização poderem obstruir o curso urbano, nem por isso eram demolidos. A escolha de novo local para se implantarem foi a opção plausível (15). A cuidada manutenção destes elementos urbanos permite vislumbrar o valor simbólico, e como tal memorativo, que lhes é dedicado.

13 Idem - *ibidem*. fl. 379.

14 Idem - *ibidem*, fl. 169.

15 “No tempo do Arcebispo D. Affonso Furtado se fez e colocou o grande Padram e cruzeiro do Campo das Hortas”. f. 54; “O Abade Francisco Seraiva (...) mandou fazer por sua devoçam o Padram e cruzeiro que ali se vê no anno de 1655”. f. 54; “Aos

3. Conclusão

Pelas achegas que vai dando ao longo da sua obra, o Padre José Manuel da Silva Tadim comunga dos princípios que eram partilhados pelos eruditos da Europa de setecentos. A Antiguidade, e as antiguidades são o ponto mais elevado da sua pesquisa, e a referência da sua actuação. A essas reconhece explicitamente a função de memória, ou, se pretendermos, de monumento. Essa devoção à época clássica provocou o desenvolvimento do coleccionismo, generalizado ao nível mais erudito da sociedade. Se Silva Tadim não foi um coleccionador de antiguidades, foi pelo menos um homem que revela comunhão de princípios com esses coleccionadores.

A depuração exigida pelos fazedores de ciência imbuídos do espírito cartesiano alastra-se ao autor do *Diário Bracarense*, que se declara desde início defensor do racionalismo, tendo como cobertura clássica o pensamento de Platão. As suas afirmações serão escudadas pelo saber dos livros antigos, pelas imagens do passado clássico — moedas, medalhas e epígrafes —, ou então, por aquilo que ocularmente testemunhou. Esta procura da verdade levou-os ao encontro com a Natureza, na qual pretendem compreender as suas leis físicas, ocasionando a multiplicação de estudos de âmbito Geográfico e Natural. Este sistema é acusado por Tadim que regista pertinazmente as manifestações naturais com carácter excepcional.

Monumento, como testemunho do passado e defesa contra o traumatismo da existência — parafraseando Françoise Choay — reconhece-os Tadim, declaradamente, nos vestígios Romanos.

Monumentos, como construção contemporânea, encontra-os, tão somente, nas obras de foro arquitectónico. Neste pódio em que coloca a obra construída, afirma-se como homem esclarecido em partilha de ideais iluministas, e prepara, ao mesmo tempo, o advento do monumento como símbolo arquitectónico que alastrará, depois da Revolução Francesa, ao século XIX europeu, onde o saudosismo romântico encontrará, no património construído medieval, o exemplo supremo de património artístico e histórico ⁽¹⁶⁾.

27 de Fevereiro mudou-se o pelourinho que estava na Porta do Souto defronte das casas de Manoel Lopes o Rebelho ao canto, e fintaram todos os visinhos vinte mil reis para o tirar para defronte da Alfandega, e no ano de 17 (sic) se mudou para o Terreiro da Cadeya do Castello", f. 70.

16 Neste trabalho tivemos como referências próximas o estudos de CHOAY, Françoise - *L'Allégorie du Patrimoine*, Paris, Éditions du Seuil, 1992; RIEGL, Alois - *EL Culto Moderno a los Monumentos - Caracters y origen*, Madrid, Visor, 1987; FERREIRA DE ALMEIDA, C. A. - *Património - Riegl e hoje*, Sep. da "Revista da Faculdade de Letras", II série, vol. X, Porto, 1993, pp. 407-416.